

O SURGIMENTO DO FOTOJORNALISMO A PARTIR DE UM OLHAR PARA OS PRIMEIROS MANUAIS DA PROFISSÃO

João Guilherme de Melo Peixoto¹

RESUMO

O presente artigo investiga os primeiros passos para a construção do universo fotojornalístico por meio de suas regulamentações normativas. A análise evolutiva das orientações sobre as dimensões técnica, estética e deontológica da atividade fotojornalística, através de seus manuais, apresenta uma abordagem investigativa a qual aponta para zonas de tensão (ou “transições de status”) nas cadeias da produção, edição e circulação das imagens voltadas para a imprensa.

PALAVRAS-CHAVE

Fotojornalismo. Fotografia de imprensa. Manuais. História da imprensa.

1 INTRODUÇÃO

Observa-se que a presença do binômio avanços tecnológicos/avanços culturais possibilitou a entrada cada vez mais evidente da fotografia no discurso midiático moderno². A popularização das técnicas e usos da imagem nas sociedades, atrelado ao desenvolvimento de um nicho de consumo, já estimulado, em parte, pela publicação no século XIX das revistas ilustradas, foram determinantes para o progresso da imprensa no século XX. Pode-se ressaltar, também, o advento da fotografia documental, uma das práticas iconográficas mais entrelaçadas à fotografia de imprensa na contemporaneidade.

Contudo, a transição entre o modelo de produção de conteúdo visual apoiado na incorporação de ilustrações aos veículos de comunicação impressos e o modelo baseado na produção e circulação de imagens fotográficas nos periódicos deu-se de forma gradativa. Ainda mais: até meados dos anos 20 do século XX, era possível encontrar algumas publicações

¹ Pós-doutorando em Comunicação - Center for Internet Studies and Digital Life (Universidad de Navarra, Espanha). Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Assistente II Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: joaogmpeixoto@gmail.com.

² A evolução nas técnicas de produção de imagens (surgimento da película fotográfica, em 1884), a publicação da primeira reportagem fotográfica (1890), o advento das agências de imagens (1894) e o rápido crescimento da indústria jornalística (LACAYO; RUSSEL, 1990, p. 36), ainda no século XIX, podem ser designados como importantes fatores que contribuíram para o desenvolvimento da fotografia de imprensa no século XX.

jornalísticas que apostavam em um modelo híbrido, seja por escolhas editoriais ou por incapacidade financeira (investimento em mão de obra – fotógrafos – e equipamentos).

Ainda sobre essas mudanças no paradigma redacional referentes à publicação de conteúdo não textual nos periódicos, é impróprio afirmar que apenas fatores de ordem econômico/logísticos foram responsáveis pela passagem de um estado proto-fotojornalístico³ para outro mais complexo – o fotojornalismo⁴. Tal transição tem por base complexas características que representam a construção de um discurso visual ancorado nas dimensões técnica (atributos relacionados a uma esfera “procedimental” da fotografia de imprensa), estética (o surgimento de uma linguagem fotojornalística) e deontológica (construção das regras de conduta para a atividade). Todavia, há de se questionar: como estas dimensões foram “estimuladas” após a introdução “direta⁵” da imagem fotográfica na imprensa (século XIX e primeiras décadas do século XX)? Ou ainda: quais recursos pedagógicos guiariam os profissionais envolvidos no ciclo de criação, edição e circulação de conteúdo fotojornalístico? Pode-se afirmar que três características auxiliam na compreensão deste fenômeno:

- a) o surgimento dos manuais de jornalismo;
- b) o advento de uma cultura manualística para a fotografia de imprensa;
- c) o processo de academização da fotografia de imprensa.

2 MANUAIS DE JORNALISMO E A PARAMETRIZAÇÃO DE UMA ATIVIDADE EM DESENVOLVIMENTO

Os manuais e guias voltados para a orientação da produção jornalística podem ser classificados como um dos instrumentos mais representativos para compreender o

³ Utilizaremos a expressão, neste momento, para designar o percurso histórico que tem início nos anos 40 do século XIX e segue até os anos 1930. Todavia, tal definição não se refere apenas a um recorte espaço-temporal para auxiliar no trabalho de análise, mas também diz respeito ao estabelecimentos de processos e procedimentos próprios da gênese fotojornalística.

⁴ Fotojornalismo é uma determinação, uma designação de espaço de trabalho, de forma e objetivo para a mais versátil e imediata, e ao mesmo tempo ambígua, das linguagens disponíveis para o jornalismo gráfico. A fotografia aplicada ao jornalismo lida com o limite máximo de eterna tensão entre a verdade/realidade e a cultura/interpretação/intenção do autor. É por isso que, mais do que qualquer outra fotografia em qualquer outro campo, precisa ser compreendida com um processo, e não como um fato, e estar relacionada diretamente com um contexto determinado (FELIPPI, 2008, p. 40)

⁵ Possibilidade de inserção direta de uma imagem fotográfica em um periódico, através da técnica de Halftone.

desenvolvimento do campo redacional no final do século XIX e início do século XX. Tais publicações sinalizam uma necessidade de parametrização do conhecimento acumulado, uma tentativa de compilar orientações relacionadas à prática do jornalismo que transcendessem à adaptação de regras e procedimentos oriundos do campo da literatura, da filosofia e de demais áreas correlatas. Marcam, portanto, uma nova etapa para a formação dos profissionais da imprensa.

De acordo com Salavería (1997), o primeiro manual de jornalismo foi publicado nos Estados Unidos, em 1886, por Robert Luce. *Writing for the Press: a manual for editor, reporters, correspondents, and printers*, representou, segundo Salavería (1997):

(...) un hito en la historia de la consideración teórica de la prensa: por su fecha de edición le cabe el honor de ser el primer manual moderno de periodismo y, más concretamente, la primera guía de redacción periodística (p. 74).

Também é preciso destacar as razões que apontam para o surgimento pioneiro deste tipo de material em solo norte-americano. Ainda segundo Salavería (2007), o maior grau de profissionalização dos jornalistas aliados à liderança mundial em progressos tecnológicos e redacionais e aos maiores avanços no terreno da formação jornalística (processo de academização da profissão) podem ser descritos como fatores-chave.

Todavia, há de se questionar como essas publicações apresentavam temáticas relativas ao campo da produção, edição e distribuição de conteúdo não-textual. Havia espaço para a interlocução entre as características necessárias à produção de um “bom texto” com outras, articuladas ao campo das imagens, por exemplo?

Observa-se que, apenas em 1891, foi possível atestar a inserção nos manuais de jornalismo das temáticas descritas acima, ou seja: não se configuravam apenas como orientações e recomendações voltadas para o campo da prática textual. Na terceira edição de seu manual (*Writing for the Press: a manual for editor, reporters, correspondents, and printers*), Robert Luce aborda o debate o qual envolve tanto as limitações técnicas oriundas do campo da publicação de conteúdo no formato de imagens⁶ como também assinala para

⁶ Tal debate ancora-se no choque dos universos imagéticos representados pelo campo da ilustração e o da fotografia. O final dos anos 90 do século XIX aponta para o desenvolvimentos dos processos de impressão de imagens fotográficas nos jornais e, conseqüentemente, para uma lenta e gradual substituição no padrão de publicação das imagens nos periódicos.

um modelo de construção de discurso nos manuais que seria marcado por características estritamente “preceptistas”, ou seja, baseado em regras e procedimentos bastante estritos.

É melhor enviar fotos de desenhos (esboços). A menos que você seja especialista em desenho, e também familiarizado com as necessidades especiais dos trabalhos de arte da revista, seu desenho (esboço) não será reproduzidos diretamente, mas um novo desenho seria feito a partir dele para a reprodução, e uma fotografia seria melhor para este novo esboço. Uma cópia desmontada é preferível a um que esteja montada. Melhor ainda para o propósito do jornal seria o próprio negativo⁷ (LUCE, 1891, p. 87-88)

Ainda nos anos 90 do século XIX⁸, destacam-se as obras de três outros manualistas que apontam para o cenário em desenvolvimento do uso de ilustrações nos jornais da época. Por meio da análise desses manuais, já é possível vislumbrar uma aproximação referente à tentativa de incorporação de temáticas relativas às dimensões técnica, estética e deontológica para a fotografia de imprensa, o que representa, conseqüentemente, uma (pequena) evolução no status que a imagem ocupava nas redações da época.

A primeira dessas publicações, datada de 1894, é de autoria do jornalista e professor Edwin L. Shuman. *Steps into Journalism: helps and hints for young writers*, assim como a obra de Robert Luce, a publicação aponta para uma certa preferência editorial para artigos os quais se apresentem acompanhados de fotografias ou ilustrações. Ademais, também oferece apontamentos a respeito dos formatos de envio de documentos não-textuais para as redações.

Nem todos os tipos de artigos admitirão ilustrações, mas como uma regra, qualquer coisa de natureza descritiva, seja para um jornal ou uma revista, terá uma melhor chance de aceitação se for acompanhado de desenhos ou fotografias, de preferência este último, a menos que você seja um especialista e entenda as necessidades específicas do negócio. Uma fotografia desmontada é melhor do que aquela que foi

⁷ Tradução livre: “It is better to send photographs than sketches. Unless you are expert at drawing, and also familiar with the special needs of art work for magazine, your sketch would not be reproduced direct but a new sketch would be made from it for reproduction, and a photograph would be better for this new sketch. An unmounted print is preferable to one that is mounted. Better still for newspaper propose would be the negative itself” (LUCE, 1891, p. 87-88)

⁸ Também no final do século XIX, faz-se necessário realçar o artigo do ilustrador Max de Lipman, publicado no manual *Making of a Newspaper: experiences of certain representative American journalists related by themselves* (PHILIPS, 1893), no qual relata as dificuldades de reconhecimento do campo não-textual na redações jornalísticas. Todavia, é importante frisar que De Lipman foi o primeiro ilustrador a fazer parte de uma publicação voltada, na época, ao campo da escrita jornalística.

montada. Desenhos ou impressões montadas nunca devem ser dobradas e devem ser enviadas com papelão de cada lado deles⁹. (SHUMAN, 1894, p. 194)

Outrossim, observa-se ainda que o manual de Shuman traz orientações tanto a respeito do trabalho de produção de ilustrações como ainda oferece recursos que advertem o leitor sobre os procedimentos relativos à cadeia de edição do material gráfico elaborado. Pode-se ainda afirmar que suas inferências sobre o uso de “sombreamento” no processo de redução das ilustrações é a primeira indicação “formal” sobre características do campo da edição para o conteúdo não textual.

O essencial para este trabalho são talento, tinta perfeitamente preta e papel perfeitamente branco. O desenho deve ser, pelo menos, um terço maior que a ilustração será no jornal ou na revista, e para sua transferência é desejável reduzi-lo. Deve ser feita uma compensação no sombreamento para esta redução; muito é pior do que nenhum.¹⁰. (SHUMAN, 1894, p. 195)

Já em 1895, Charles Anderson Dana¹¹ publicou o manual *The Art of Newspaper Making: Three Lectures*. Para o campo jornalístico, o material representou a evolução ainda mais evidente da incorporação de padrões de estilo nas produções textuais, todavia, pode-se também extrair comentários a respeito do campo da produção de imagens para a imprensa.

Em sua obra, Dana (1895) apresenta alusões sobre as características da impressão de imagens pelo processo de Halftone, em detrimento do processo de produção de imagens por meio de ilustradores. O autor também destaca tais mudanças por um prisma econômico-financeiro, uma evolução que trouxe certo “afrouxo” logístico para os jornais.

Vinte anos atrás, se quiséssemos imprimir o retrato de um homem distinto, como o senador Hill ou o Sr. Cleveland, por exemplo, nós tínhamos primeiro que obter uma fotografia, então nós tínhamos que conseguir um *draughts man*, em seguida, um entalhador de madeira, e, em seguida, após a gravação cortada na madeira tínhamos que ter um estereótipo que dela foi feito antes que nós pudéssemos imprimi-lo. Era

⁹ Tradução livre: “Not all kinds of articles will admit of illustration, but as a rule anything of a descriptive nature, whether for a newspaper or a magazine, will stand a better chance of acceptance if it be accompanied with sketches or photographs—preferably the latter, unless you are an expert and understand the special needs of the business. An unmounted photograph is better than one that has been mounted. Drawings or unmounted prints must never be folded and should be mailed with cardboard on each side of them”. (SHUMAN, 1894, p. 194)

¹⁰ Tradução livre: “The essentials for this work are talent, perfectly black ink, and perfectly white paper. The drawing should be at least one-third larger than the illustration is to be in the paper or magazine, for in transferring it to metal it is desirable to reduce it. Allowance must be made for this reduction in the shading; too much is worse than none at all. (SHUMAN, 1894, p. 195).

¹¹ Segundo Salaverría (1997, p. 98), Charles A. Dana pode ser considerado como um dos maiores impulsionadores do estilo jornalístico moderno.

uma operação muito cara. (...) Enquanto que agora, com o progresso das ciências e das artes práticas, não precisa ter um gravador de madeira para tudo. Você não precisa sequer de um *draughts man*. Você coloca sua fotografia por meio da câmera fotográfica em uma placa de zinco, que é preparada com a finalidade de que se necessita. Ou seja, ela é coberta com uma substância gelatinosa e sensibilizada o suficientemente para a finalidade¹² (DANA, 1895, p. 95-96)

Ademais, Dana (1895) discorre sobre aspectos referentes ao uso de certos padrões de imagens nos periódicos. Para ele, imagens com uma espécie de “propósito nobre” seriam adequadas a publicação nos jornais impressos. Não há uma referência direta no que diz respeito a como essas imagens deveriam ser obtidas (dimensão técnica da produção de imagens) ou como seriam obtidos, visualmente, tais valores (dimensão estética), contudo, pode-se destacar tal passagem como umas das primeiras tentativas de orientação à respeito da cadeia de produção da fotografia de imprensa.

No final dos anos 90 do século XIX (1899), surgiu no mercado editorial londrino o manual *How to Write for the press: a practical handbook for beginners in journalism*. De autoria “desconhecida” (na obra, há apenas uma indicação referente à “An Editor”), essa publicação representou uma complexificação nas referências a respeito das cadeias de produção, edição, distribuição e publicação de conteúdo fotográfico nos jornais da época. Primeiramente porque, diferentemente dos manuais aqui analisados, há um subcapítulo específico (*The use of Photography*) o qual apresenta aspectos relativos ao campo da imagem periodística. Tal postura demonstrou uma intensão em ressaltar (ainda que de forma bastante estrita) a importância desta prática para a rotina dos processos de trabalho que caracterizam o jornalismo da época. Atrelado a isto, também é possível identificar uma abordagem que prima por uma espécie de “proto-convergência” de práticas para o profissional de jornalismo.

Ainda sobre o manual e, conseqüentemente, as características que amplificariam o desenvolvimento da fotografia de imprensa, pode-se ressaltar o pioneirismo em apontar questões de ordem técnica e deontológica que anteciparam debates próprios do século XX para a atividade fotojornalística. Em relação à dimensão técnica, dois fatores se destacam: o

¹² Tradução livre: “Twenty years ago, if we wanted to print the portrait of any distinguished man, Senator Hill or Mr. Cleveland, for instance, why, we had first to get a photograph, then we had to get a draughts- man, then a wood engraver, and then after the engraving was cut in the wood we had to have a stereotype made of it before we could print it. It was a very expensive operation. (...) while now, such is the progress of the practical sciences and arts, we don't need to have a wood engraver at all. You don't even need a draughts- man. You put your photograph by means of the photographic camera on a zinc plate, which is prepared for the purpose you require. That is, it is covered with a gelatinous and sensitized substance sufficiently thick for the purpose (DANA, 1895, p. 95-96)

primeiro diz respeito à caracterização do atributo da atualidade como um fator primordial para a compreensão tanto da estrutura da cadeia de produção, como da cadeia de consumo das imagens voltadas para a imprensa. Esta é a primeira referência, em um manual de jornalismo, a este predicado bastante relacionado ao universo textual nas redações.

O segundo fator articula-se às propriedades concernentes ao que poderia ser classificado pelo(a) manualista como “características de uma boa imagem para a imprensa”. Recomendações sobre ajustes de tons e brilho estão relacionadas à cadeia de publicação de conteúdo, visto que, no final do século XIX, vivenciava-se uma transformação referente às tecnologias de impressão (introdução e desenvolvimento do processo de Halftone).

No que concerne à dimensão deontológica, *How to Write for the press: a practical handbook for beginners in journalism* pode ser considerado o primeiro manual jornalístico a inserir comentários referentes aos ideais e às normas de orientação da atividade profissional do repórter fotográfico. Dentre os aspectos a serem elencados, destaque para as indicações sobre o direito de uso de imagens. De acordo com as informações apresentadas pelo manual, as noções de autoria, direitos autorais e copyright deveriam figurar como algumas das principais preocupações redacionais.

Com a chegada do século XX e o desenvolvimento das práticas relacionadas às cadeias de produção, edição, distribuição e publicação de conteúdo jornalístico, expande-se o mercado editorial voltado aos manuais e guias responsáveis por elencar boas práticas para a atividade. Soma-se a isso, a multiplicação das escolas de jornalismo nos Estados Unidos que representaram uma amplificação ainda mais evidente deste nicho. Para “profissionalizar” o exponencial processo de academização do universo jornalístico, era preciso, também, investir em novas referências didáticas, novos materiais que refletissem o atual “estado da prática” das redações.

Visto isto, pode-se detectar também uma crescente internalização do universo fotojornalístico nestas publicações. O caminho até os anos 30 do século XX – período referente à publicação do primeiro manual voltado exclusivamente a fotografia de imprensa – permite apontar para uma evolução das dimensões técnica, estética e deontológica.

A primeira obra a incorporar essa evolução do status da fotografia de imprensa foi publicada em 1903 por Edwin L. Shuman, autor de um dos primeiros manuais a introduzir conteúdo referente às práticas não textuais que compunham a cadeia de produção de um

periódico. Diferentemente de *Steps into Journalism: helps and hints for young writers*, produzido em 1894, em seu novo guia, *Practical Journalism*, Shuman (1903) oferece um complexo panorama da fotografia de imprensa e de suas dimensões técnica, estética e deontológica.

A *priori*, é possível identificar referências às dimensões citadas não apenas em um capítulo ou trecho específico da obra, mas sim em diversos deles, a saber: Capítulo IX - *The Sunday Supplement*; Capítulo X - *In the Artist's Room* e Capítulo XVII - *The Law of Copyrights*.

No capítulo *The Sunday Supplement* (capítulo IX), Shuman (1903), traz a tona referências a uma expansiva valorização do campo da produção de imagens nas práticas alusivas ao jornalístico moderno. Assim como o manual *How to Write for the press: a practical handbook for beginners in journalism*, o autor aponta para uma “proto-convergência” entre os processos relativos às cadeias de produção e publicação de conteúdo textual e imagético que compõem o cenário das redações periodísticas.

Um escritor que é um especialista com a câmera tem uma vantagem distinta, por boas fotos muitas vezes vai vender uma história que imploraria sem elas. Ilustrações estão se tornando uma característica cada vez mais popular no jornal de domingo¹³. (SHUMAN, 1903, p. 129)

Em *In the Artist's Room* (capítulo X), o autor sugere características as quais fazem referência aos “atributos” necessários à formação de uma dimensão técnica da fotografia de imprensa. Todavia, sobre esses predicados, dois fatores podem ser apontados: 1) Não há uma “real referência” a quais seriam tais fatores ou como os mesmos poderiam ser obtidos; 2) há uma clara distinção, na esfera de produção de conteúdo, entre o “lugar de fala” de um repórter fotográfico e de um jornalista. Para Shuman (1903):

Há uma forte demanda por bons fotógrafos com um nariz para a notícia e um gênio para obter boas imagens de tipo certo. O especialista com a câmera deve ser um homem inteligente de uma maneira "que você possa dizer coisas para ele fazer." Para um fotógrafo desse tipo há uma probabilidade brilhante no campo jornalístico.¹⁴. (SHUMAN, 1903, p. 145)

¹³ Tradução livre: “A writer who is an expert with the camera has a distinct advantage, for good pictures often will sell a story that would go begging without them. Illustrations are becoming a more and more popular feature of the Sunday paper”. (SHUMAN, 1903, p. 129)

¹⁴ Tradução livre para: “There is a brisk demand for good photographers with a nose for news and a genius for getting good pictures of the right kind. The camera expert must be a man intelligent in other ways "one that you can tell things to." For a photographer of this kind there is a bright outlook in the newspaper field”. (SHUMAN, 1903, p. 145)

Por fim, *The Law of Copyrights* (capítulo XVII) apresenta referências à Lei de Patentes e Direito Autorais, publicada nos Estados Unidos em 1790, e a sua aplicação no cenário das redações jornalísticas. Contudo, há pouca contribuição no que diz respeito ao desenvolvimento da dimensão deontológica para o campo da fotografia de notícia, visto que apenas uma pequena passagem faz referência à produção de conteúdos que não sejam textuais (ainda sim, trata de materiais como mapas, guias, entre outros).

Ainda no início do século XX, pode-se destacar uma outra referência¹⁵ a qual buscou orientar a prática jornalística e que, assim como a obra de Shuman (1903), apontou o campo da fotografia de notícias como parte integrante dos processos e das rotinas de produção, edição, distribuição e publicação de conteúdo na cadeia do jornalismo impresso.

Datada de 1907, em verdade, essa obra é uma reedição do primeiro manual de jornalismo produzido, *Writing for the Press: a manual for editor, reporters, correspondents, and printers*, publicado em 1886 por Robert Luce. Em sua nova edição, Luce (1907) incorpora princípios didáticos que podem ser associados às dimensões técnica, estética e deontológica da imagem jornalística. Sobre as orientações referentes às dimensões técnica e estética, pode-se afirmar que elas possuem uma estreita ligação com os processos de impressão e publicação de conteúdo não textual pelos periódicos da época, representam uma preocupação com certos atributos da imagem (tons, luzes, contraste – dimensão estética), associadas ao interesse em apontar procedimentos os quais poderiam ser descritos como os mais indicados para a reprodução de imagens fotográficas em jornais.

Analisa-se ainda que as recomendações apresentadas por Luce (1907) sobre o uso de imagens sem autorização prévia e a respeito da incorporação dos princípios da Lei de Patentes e Direito Autorais na cadeia de produção de conteúdo jornalístico apontam para uma evolução no tocante à dimensão deontológica. Diferentemente de Shuman (1903), que oferece poucos pontos de interseção entre estas temáticas e o campo da fotografia jornalística, Luce (1907) incorpora-as diretamente a esse universo.

¹⁵ Em relação a este mesmo período histórico (início do século XX) três outras publicações também merecem destaque: *Making a Newspaper* (GIVEN, 1907), *The Practice of Journalism* (WILLIAN; MARTIN, 1911), *Newspaper Editing* (MINUOR, 1920).

3 A CULTURA DOS MANUAIS CHEGA À FOTOGRAFIA DE NOTÍCIAS

Ao observar a produção dos autores responsáveis por desenvolver o mercado editorial dos guias e manuais voltados à orientação da prática jornalística, há de se questionar: em que período da história da fotografia de imprensa começaram a surgir os primeiros relatos com caráter exclusivo para este campo? Pode-se destacar que, até os anos 30 do século XX (período referente à publicação dos primeiros manuais de fotojornalismo), poucas foram as referências relacionadas estritamente à atividade e, em sua grande maioria, essas não apresentavam a complexidade dos materiais referentes ao campo jornalístico, a exemplo dos manuais aqui analisados. Contudo, os “pré-manuais de fotojornalismo”, como serão aqui classificados esses documentos, anteciparam questões relacionadas à fotografia de imprensa as quais estariam vinculadas, necessariamente, ao desenvolvimento e a penetração da atividade no cenário da imprensa escrita.

O primeiro desses materiais publicados buscou valorizar o trabalho do repórter fotográfico e, ainda, considerava este personagem de extrema importância para a “saúde” das publicações jornalísticas (PARIS, 2007). *Press Photography*, artigo lançado em 1903 e produzido por Carl Harry Claudy, integrou uma importante publicação da época: *The photo-miniature: A magazine of photographic information*. Mesmo representando o primeiro pré-manual de fotojornalismo, o conteúdo abordado por Claudy (1903) já demonstrou forte correlação com o desenvolvimento das dimensões técnica, estética e deontológica.

A propósito das orientações voltadas à dimensão técnica, Claudy (1903) configurou-se como o primeiro autor à introduzir referências concretas sobre as rotinas de trabalho atribuídas às práticas proto-fotojornalísticas no início do século XX. Manualistas, à exemplo de Shuman (1894;1903), Dana (1895) e Luce (1907), não ofereceram em suas publicações elementos que permitam observar que procedimentos operacionais deveriam ser considerados relevantes nos campos da produção, da circulação e da publicação de conteúdo não textual.

Ainda sobre estas orientações, em Claudy (1903), há uma forte referência à velocidade como um dos fatores mais expressivos dentro da cadeia de produção de conteúdo fotojornalístico. De acordo com o autor, uma das regras mais importantes para o repórter fotográfico consistia em “nunca, em nenhuma circunstância, atrasar-se com os resultados”

[tradução livre]. Tal postura acompanhava o processo de desenvolvimento do jornalismo impresso, o qual buscava cada vez mais aproximar os polos de produção e publicação de conteúdo.

Não importa... que exasperações e tribulações seus assuntos podem entregá-lo, você deve proteger o seu negativo, fazer a sua impressão e entregá-lo ao editor no tempo ... velocidade muitas vezes vale mais do que todo o resto de uma make-up de uma foto juntos ... suas ordens serão "Qualquer coisa para que ele imprima, desde que esteja aqui a tempo ... Faça o que ele diz-lhe para fazer e tenha certeza que ele ficará satisfeito lembre-se que as ordens são dada para serem realizadas-não devem ser adulteradas ... O desempenho de qualquer e todos os tipos de trabalho ... devem ser feito em estrita conformidade com duas regras, que são "Nenhuma falha é permitida", e "Nunca, em qualquer circunstâncias, esteja atrasado com seus resultados¹⁶." (CLAUDY, 1903, p. 107-110).

Ademais, há na obra de Claudy (1903) indicações sobre os aspectos referentes às dimensões técnica e deontológica. No que diz respeito à dimensão técnica, o autor invoca elementos os quais permitem apontar que características seriam essenciais para a identificação de uma imagem voltada para a imprensa. Pode-se ressaltar tal proposta como a primeira tentativa de catalogação dos processos referentes à fotografia de imprensa no que diz respeito ao fluxo que envolve as cadeias de produção, edição e publicação de conteúdo.

No que concerne as questões que envolvem aspectos relativos à dimensão deontológica, o “pré-manual” de Claudy (1903) também pode ser considerado como o primeiro material a apontar uma espécie de “desvio de conduta moral” relativo ao trabalho do repórter fotográfico. O autor advogou a respeito de uma “missão cívica” própria à atividade e sugeriu que esta justificaria alguns processos considerados “escusos”. Segundo o autor: “A press photographer should conceal his identity by appearing a gentleman (CLAUDY, 1903, p .104).

Já em 1910, Walter T. Roberts publicaria, na revista britânica Strand Magazine, *The Romance os press photographer*, o segundo “pré-manual” voltado à fotografia de imprensa não oferecia referências perceptivas à respeito das dimensões técnica, estética e

¹⁶ Tradução livre: “No matter...what exasperations and tribulations your subjects may hand you out, you must secure your negative, make your print and deliver it to the editor in time... speed is frequently worth more than all the rest of a make-up of a picture put together... your orders will read “Anything so it will print, provided it is here on time... Make what he tells you to make and be sure he will be satisfied.... remember that orders are given to be carried out—not to be tampered with... The performance of any and all kinds of work...should be made in strict compliance with two rules, which are “No failures allowed,” and “Never, under any circumstances, be late with your results.” (CLAUDY, 1903, p. 107-110).

deontológica, contudo apontava para um diagnóstico da profissão no final do século XIX/início do século XX.

Robert pode ser considerado um dos primeiros autores que destacou o papel do fotógrafo de imprensa na cadeia de produção de conteúdo para os jornais e revistas da época, chegando mesmo a comparar o status deste profissional ao do próprio repórter, um avanço significativo para a época. Destaque também para a introdução do conceito de ponto de vista. Para Roberts (1910), tal característica diferenciaria bons de maus profissionais.

Mas realmente fotógrafo de imprensa de primeira linha é uma raridade; ele deve ser um bom jornalista assim como um fotógrafo, seu negócio não é simplesmente a obtenção de uma imagem notícia, mas apresentá-la a partir do seu ponto de vista mais eficaz e impressionante. Para os homens que podem fazer isso, há uma grande demanda de negócios... O negócio da imprensa fotográfica, como muitos outros, está superlotado de mediocridades.¹⁷ (ROBERT, 1910, p. 475).

Ainda em relação aos “pré-manuais” voltados à fotografia de imprensa, Francis Arnold Collins publicou, em 1916, *The Camera man: his adventures in many fields*. Com conteúdo voltado às experiências vivenciadas *in loco* pelo autor, o texto aponta para a construção de um perfil do repórter fotográfico o qual representava um desequilíbrio entre os fatores de ordem técnica (dimensão técnica) e as características “pessoais”, que podem ser identificadas como propriedades concernentes à dimensão estética. Este trabalho assinala para uma tentativa de “desumanização” da atividade, a qual deveria apenas representar a captura do instante como consequência direta da produção objetiva do repórter fotográfico.

4 ACADEMIZAÇÃO DO JORNALISMO FOTOGRÁFICO

Arelado às características descritas acima (o surgimento dos manuais de jornalismo e o advento de uma cultura manualística para a fotografia de imprensa), o processo de academização do jornalismo fotográfico encerra a tríade que representou o primeiro ciclo de desenvolvimento da atividade no final do século XIX / início do século XX. Tais atributos

¹⁷ Tradução livre: “But a really first-rate Press photographer is rather a rarity; he must be a good journalist as well as a photographer, for his business is not merely to obtain a news picture but to present it from its most effective and striking point of view. For men who can do this there is a big demand...the Press photographer’s business, like many others, is overcrowded with mediocrities (ROBERT, 1910, p. 475).

apontam para uma evolução gradual dos processos de produção, edição e circulação de conteúdo referentes às dimensões técnica, estética e deontológica.

Segundo Paris (2007), duas universidades capitanearam o processo de academização da fotografia de imprensa: a Universidade do Missouri, em 1908, e a Universidade do Texas, em 1914. No que diz respeito a Universidade do Missouri, a introdução de disciplinas relacionadas à produção / publicação de conteúdo não-textual em periódicos se deu, primeiramente, por meio do contato com as técnicas de ilustração. Em 1909, o curso de *Newspaper Illustration* começou a ser ofertado com os seguintes objetivos: a) aproximar os alunos das técnicas de produção de ilustrações voltadas para a mídia impressa; b) oferecer seminários sobre a adaptação do mercado editorial jornalístico.

Ainda sobre a evolução da academização da fotografia de imprensa, o ano de 1913 marcou a complexificação dos ensinamentos sobre a profissão. Segundo Paris (2007):

No ano seguinte, 1913, a Escola de Jornalismo acrescentou dois cursos avançados em Ilustração de Jornais, proporcionando assim vinte horas de ilustração disponível para o crédito em jornalismo. Os cursos avançados envolviam problemas individuais, especialmente em ilustrações de jornais e de revistas, desenhos animados e design publicitário.¹⁸. (PARIS, 2007, p. 37)

Em 1928, a Universidade de Missouri recebeu a primeira indicação curricular para a fotografia de imprensa, tendo em vista a produção de imagens fotográficas voltadas para campo da notícia. Tal postura aponta para um progresso que incorpora elementos não mais unicamente do universo da ilustração, mas sim das dimensões que compõem o cenário em desenvolvimento da imagem periodística. De acordo com Paris (2007):

Pela primeira vez neste somatório de progresso da Escola, houve menção à aprendizagem e produção de fotografias como algo diferente de um processo puramente ilustrativo ou mecânico. Não houve menção no currículo desenvolvido pela escola até 1928 que não sejam aqueles associados com a produção fotomecânica e uma instância solitária do uso da câmera em 1914. A instrução acima mencionada poderia ter sido incorporada em outros cursos de captação de notícia. Em nenhum desses cursos, no entanto, houve qualquer menção de fotografia ou ilustração¹⁹. (PARIS, 2007, p. 85)

¹⁸ Tradução livre: "The following year, 1913, the School of Journalism added two advanced courses in Newspaper Illustration, thereby providing twenty hours of illustration available for credit in journalism. The advanced courses involved individual problems, specializing in newspaper and magazine illustrations, cartooning, and advertising design". (PARIS, 2007, p. 37)

¹⁹ Tradução livre: "For the first time in this summation of the progress of the School, there was mention of the learning and production of photographs as something different than a purely illustrative or mechanical process.

No que concerne à Universidade do Texas, constata-se a incorporação de elementos da cadeia de impressão de imagem na grade curricular do curso de jornalismo a partir dos anos 1914 / 1915, com o curso *Mechanichs of Printing*. Com seis horas de instrução e dez horas semanais de trabalho de laboratório, o curso destinava-se a familiarizar o estudante com o trabalho prático realizado em uma planta de impressão (Paris, 2007, p. 85).

Visto isso, destaca-se que, nos dois casos elencados acima, o surgimento de uma “educação fotojornalística” esteve associado às características mecânicas vinculadas, prioritariamente, às cadeia de produção e distribuição de conteúdo. Os processos de elaboração de ilustrações voltadas ao campo jornalístico, o desenvolvimento de técnicas de impressão utilizando métodos próprios à época e a incorporação de conteúdo fotográfico aos jornais foram algumas das temáticas debatidas nos primeiros cursos ofertados em universidades norte-americanas.

5 CONCLUSÃO

Pode-se definir, pois, que um dos primeiros processos de transição de status da fotografia de imprensa, caracterizado pela tríade descrita acima - o surgimento dos manuais de jornalismo, o advento de uma cultura manualística para a fotografia de imprensa e o processo de academização do jornalismo fotográfico - marcou o desenvolvimento de uma cultura da imagem nos periódicos a qual aponta para a gênese das dimensões técnica (referente aos processos de produção), estética (diz respeito a consolidação de uma linguagem própria para a atividade) e deontológica (fundamentação de uma “ética pratica” do ofício) do universo fotoperiodístico.

Como resultado dessas mudanças, o jornalismo fotográfico se aproximou de meados do século XX estabelecendo alicerces pedagógicos os quais buscariam orientar os profissionais por meio de publicações específicas para área – os manuais de fotojornalismo. Esses guias, ainda nos anos 30 do século passado, objetivaram desenvolver os elementos referentes à

There was no mention in the curriculum developed by the School up to 1928 of photography courses other than those associated with photo-mechanical production and the lone instance of the use of the camera in the 1914. The instruction mentioned above regarding “the news values of pictures” could have been incorporated in other news gathering courses. In none of these courses, however, was there any mention of photography or illustration”. (PARIS, 2007, p. 85)

própria essência da atividade, promovendo mudanças nos campos da produção, edição e circulação de conteúdo. Ademais, como já mencionado acima, tais referências impulsionaram o debate acerca da evolução das dimensões técnica, estética e deontológica da prática fotojornalística.

Por fim, pode-se afirmar também que tal perspectiva permite destacar um outro olhar sobre os processos que compõem as dinâmicas características do fotojornalismo, além de oferecer instrumentos para identificar regularidades, acumulações e rupturas no processo de fortalecimento da fotografia de imprensa nas redações.

REFERÊNCIAS

Claudy, Carl. **Press photography**. In J. Tennant (Ed.), *The photo-miniature: A magazine of photographic information*, 1903.

Collins, Francis. **The camera man**: His adventures in many fields. New York: The Century Co., 1916.

DANA, Charles. **The Art of Newspaper Making**: Three Lectures. New York: D. Appleton and Company, 1895.

FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (Org.). **Edição de imagens em jornalismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

How to Write for the press: a practical handbook for beginners in journalism. London: Horace Cox, 1899.

LACAYO, Richard; RUSSEL, George. **Eyewitness**: 150 Years of Photojournalism. New York: Time Oxmoor House, 1990.

LUCE, Robert. **Writing for the press**: a manual for editors, reporters, correspondents, and printers. Boston: The Writer Publishing Strett, 1894.

PARIS, Sherre Lynne. **Raising press photography to visual communication in American Schools of Journalism, with attention to the Universities of Missouri and Texas, 1880's -1990's**. 2007. 334 f. Tese (Doutorado) - Curso de Philosophy, University Of Texas, Austin, 2007.

Roberts, Walter. **The romance of press photography**. The Strand Magazine, 1910.

SALAVERRÍA, Ramon. **La noticia en los manuales de periodismo**: naturaleza y evolución redacional. Pamplona: Facultad de Comunicación de Navarra, 1998. Não publicado.

SHUMAN, Edwin. **Practical journalism**: A complete manual of the best newspaper methods. New York: D. Appleton and Company, 1903.

_____. **Steps into Journalism:** helps and hints for young writers. Illinois: Correspondence School of Journalism, 1894.

The emergence of photojournalism from a look at the first manuals of the profession

ABSTRACT

The emergence of modern photojournalism: a look at the first manuals of the profession
Abstract: This article investigates the first steps towards the construction of the photojournalistic universe through its normative regulations. The evolutionary analysis of the guidelines on the technical, aesthetic and deontological dimensions of the photojournalistic activity, through its manuals, presents an investigative approach which points to zones of tension (or "status transitions") in the dynamics of photojournalism.

Keywords: Photojournalism. Press photography. Manuals Press history.

El surgimiento del fotoperiodismo a partir de una mirada a los primeros manuales de la profesión

RESUMEN

El presente artículo investiga los primeros pasos para la construcción del universo fotoperiodístico por medio de sus regulaciones normativas. El análisis evolutivo de las orientaciones sobre las dimensiones técnica, estética y deontológica de la actividad fotoperiodística, a través de sus manuales, presenta un abordaje investigativo que apunta a zonas de tensión (o "transiciones de status") en las cadenas de producción, edición y circulación de las mismas imágenes dirigidas a la prensa.

Palabras clave: Fotoperiodismo. Fotografía de prensa. Manuales. Historia de la prensa.

Recebido em: 4/10/2018

Aceito em: 26/1/2019